

OS IMPACTOS COMERCIAIS DE UMA PANDEMIA: O COVID-19 E SUA INTERFERÊNCIA SOBRE ÍNDICES EXPORTADORES

THE COMMERCIAL IMPACTS OF A PANDEMIC: COVID-19 AND ITS INTERFERENCE ON EXPORT INDEXES

Camila Hister¹

Nathalia Berger Werlang²

Curso de Graduação em Administração
Centro Universitário FAI - UCEFF
Itapiranga – Santa Catarina - Brasil

Resumo: O presente artigo visa analisar quais foram os impactos da crise causada pela pandemia do Covid-19 sobre as exportações brasileiras. A metodologia de pesquisa é de abordagem qualitativa e quantitativa e foi operacionalizada através de entrevistas e análise documental da balança comercial brasileira. Os resultados apontam que, antes do início da pandemia, o mercado exportador vivenciava um processo de desaceleração e proteção de mercados internos, intensificado por meio do choque sofrido com a pandemia na oferta e demanda mundial, consequência do isolamento e diminuição da produção. O mercado brasileiro sofreu consequentes baixas no volume exportado aos seus principais parceiros comerciais, destacando países como Estados Unidos e Argentina, que reduziram em 30% e 25% o nível importado. Por outro lado, destacam-se o aumento significativo, de cerca de 14% das exportações a China e, a retomada do Brasil como principal exportador de soja do mundo, com 30% de crescimento. Para o período pós-pandemia, um cenário normalizado é projetado somente para o segundo semestre de 2021, representado por um crescimento interno entre 3,5 e 5%, isto, através da adoção de tendências e da crescente diversificação dos produtos brasileiros exportados, bem como, de uma participação mais ativa e transformadora no comércio exterior.

Palavras-chave: Comércio Exterior. Exportações. Brasil. Covid-19.

Abstract: This article aims to analyse the impact of the crisis caused by the Covid-19 pandemic on Brazilian exports. The research methodology has a qualitative and quantitative approach and was operationalised through interviews and documentary analysis of the Brazilian trade balance. The results show that, before the beginning of the pandemic, the export market was experiencing a process of deceleration and protection of domestic markets, intensified through the shock suffered by the pandemic in world supply and demand, because of isolation and decreased production. The Brazilian market suffered consequent declines in the volume exported to its main trading partners, highlighting countries such as the United States and Argentina, which reduced the imported level by 30% and 25%. On the other hand, the following stand out: the significant increase of about 14% of exports to China, and the resumption of Brazil as the main soy exporter in the world, with a 30% growth. For the post-pandemic period, a normalised scenario is projected only for the second half of 2021, represented by an internal growth between 3.5 and 5%, that is, through the adoption of trends and the increasing diversification of Brazilian exported products, as well as a more active and transformative participation in foreign trade.

Key-words: Foreign Trade. Exports. Brazil. Covid-19.

Recebido: 22/02/2021

Aprovado: 04/04/2021

DOI: <https://doi.org/10.29327/252935.12.2-10>

¹ histercamila@outlook.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-5698-692X>

² nathaliabw@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-0172-6025>

Considerações iniciais

No início dos anos 1990, a visibilidade do ideário neoliberal, que defendia as práticas do livre comércio entre as nações e a simplificação das normas que orientam a atividade econômica, junto do desenvolvimento do mercado de trabalho, da produtividade, da qualidade, das novas tecnologias e da administração de empresas e recursos, guiou a internacionalização a um novo patamar (Monteiro et al., 2001).

O processo de internacionalização, conforme Stal (2010), promove o crescimento empresarial e permite que produtos, tecnologias e metodologias de gestão se tornem visíveis e comercializadas no mercado internacional, proporcionando retorno ao desenvolvimento das operações domésticas, presença no mercado global, oportunidades de investimento e competitividade. Ele também menciona que, no Brasil, o método mais acessível para internacionalizar é a exportação, compreendido por Keedi (2015) como a comercialização de produtos com terceiros, de modo a prover resultados benéficos às partes envolvidas por meio da troca de mercadorias de interesse e necessidade.

Salienta-se, contudo, que, estes processos de internacionalização e comercialização entre países podem ser afetados por crises mundiais que contêm o avanço econômico, as exportações e as relações entre países. Além de provocadas por recessões econômicas internas, tais crises podem se manifestar através de pandemias, surtos de doenças infecciosas e contagiosas (Botelho, 2017; Madhav et al., 2017).

Quando afetado por crises, o comércio internacional pode sofrer ameaças prolongadas, que exigem período considerável de recuperação frente às perdas econômicas e enfraquecimento da indústria. Neste cenário, a demanda é comprometida, provocando a queda das exportações, dos índices da balança comercial e da economia dos países (Goodman, 2020; Weller, 2020).

Tendo em vista tais informações, este estudo tem como problema de pesquisa a seguinte questão: Quais foram os impactos da crise comercial causada pela pandemia do Covid-19 sobre as exportações brasileiras? Para responder a esta questão, a pesquisa traz como objetivo analisar quais foram os impactos da crise causada pela pandemia do Covid-19 sobre as exportações brasileiras.

Deste modo, justifica-se a escolha do tema diante de seu considerável efeito sobre a economia mundial, responsável por agravar acentuadamente o cenário e afetá-lo, além de diminuir a capacidade interna de países em desenvolvimento, como o Brasil, e afetar suas práticas produtivas, seu desempenho e oferta de produtos e serviços no mercado externo (Melo & Cabral, 2020; Rosso-ni, 2020).

Diante do cenário, ressalta-se que o estudo contribui para a identificação de índices e a realização de projeções sobre os impactos econômicos que são provocados pela pandemia (Porsse et al., 2020). Por outro lado, considera-se, a partir da visão de Homolak et al. (2020), que o estudo contribui igualmente à academia, vista a atualidade do tema e a importância da busca por atualizações que demonstram o impacto da pandemia e possíveis ações para mitigar ou minimizá-la.

Metodologicamente, a pesquisa foi de natureza teórico-empírica, exploratória e qualitativa-quantitativa. Como abordagem primária, foi desenvolvida uma pesquisa qualitativa a partir de estudo multicaso. Para o seu desenvolvimento, foram realizadas entrevistas semiestruturadas que, conforme Rosa (2014), abordam tópicos de maneira mais abrangente. Desse modo, a população da pesquisa foi de profissionais com formação em economia, selecionados como segue: (a) atuação mínima de cinco anos na área econômica; (b) exercício de algum papel de influência em instituições/empresas do país; e (c) realização de análises econômicas. Cumprindo os requisitos, eles foram contatados por e-mail, com recado explicativo sobre a pesquisa. Dentre os envios, atingiu-se uma amostra de quatro entrevistados, conforme Quadro 01 abaixo.

Quadro 01: Perfil dos Economistas Entrevistados

Nomenclatura	Atuação	Anos de Carreira	Última Formação
ECON1	Economista-Chefe de Instituição Financeira	31	Doutorado
ECON2	Professor Assistente	6	Mestrado
ECON3	Professor	31	Pós-doutorado
ECON4	Professor	37	Pós-doutorado

Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

Com os profissionais confirmados, foram marcadas as entrevistas, considerando sua disponibilidade. Os bate-papos, sem duração limitada, foram realizados através de videoconferência no *Google Meet*, entre os dias 28 de julho e 21 de setembro de 2020, compreendendo período variável entre quarenta minutos e duas horas.

Nestes, foram abordados três tópicos: a visão do mercado antes da pandemia; a visão geral das consequências da pandemia ao mercado; e a visão geral da economia no período pós-pandemia. As respostas foram analisadas via análise de conteúdo, de maneira subjetiva e interpretativa. Cabe destacar ainda que a pesquisa que culminou nesse artigo foi aprovada pelo Comitê de Ética da UEPB.

Em paralelo, o estudo quantitativo foi realizado por meio de pesquisa documental, a partir da coleta de dados secundários no Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços (MDIC). Estes dados compreendem os resultados das exportações brasileiras durante o período

comparativo de janeiro a agosto de 2019 e 2020. A partir desta delimitação, foram analisados o volume das exportações brasileiras, os produtos comercializados e os principais países de destino.

Considerando os pontos de análise, os dados coletados no MDIC correspondem às Estatísticas de Comércio Exterior que, disponíveis em formato Excel, constituíram-se dos dados selecionados para a pesquisa. Logo, foram analisadas quatro planilhas para atender às expectativas de informações pretendidas.

Coletados ao fim do mês de agosto, por meio do Excel, os dados foram analisados e dimensionados em tabelas que demonstram o impacto causado pela pandemia sobre as exportações. Estes foram mesclados à pesquisa quantitativa utilizando a estratégia transformativa concomitante, quando dois métodos de pesquisa são incorporados um ao outro por meio da coleta de dados simultânea (Santos et al., 2017), a fim de enriquecer e complementar as informações apresentadas pelos economistas, como visível nos resultados da pesquisa aqui apresentados.

1. Visão geral do cenário exportador brasileiro

Considerando ser um estudo que visa analisar o impacto do Covid-19 sobre as exportações brasileiras, apresenta-se, brevemente, um retrospecto do cenário exportador brasileiro, o surgimento da pandemia e perspectivas iniciais do acontecimento.

Restritivas e protecionistas, as políticas do comércio exterior brasileiro passaram por profundas mudanças estruturais, estratégicas e expansionistas a partir de 1990, quando foi adotado o livre comércio para a mobilidade de bens, serviços e capitais, e promovida uma alocação intersetorial de recursos. Deste então, o Brasil buscava tornar-se mais competitivo e presente no mercado externo (Hidalgo & Feistel, 2013).

Os resultados percebidos pela mudança demonstram a sua efetividade, visto que, conforme Hidalgo e Feistel (2013), até o ano de 2000, a taxa exportadora apresentou 6,7% de aumento, com acréscimo de 3% até o ano de 2008. Logo, compreende-se que o comércio internacional, gradativamente liberal, representou resultados positivos ao desenvolvimento comercial externo do Brasil.

À vista disso, nota-se a importância das exportações para a economia do país, vista sua capacidade de promoção de competitividade e contribuição à indústria de transformação (Filho et al., 2018). No entanto, considerando a sua capacidade produtiva e a disponibilidade de recursos naturais, a atuação externa, todavia, é modesta. Fator compreendido essencialmente pela burocracia interna, altos custos e desafios logísticos (Santos & Amorim, 2019).

O fator é percebido, concomitantemente à afirmativa de Santos e Amorim (2019), quando ressalta que o Brasil é um país agroexportador, dado o seu elevado índice de exportação de commo-

dities, em sua maioria, de baixo valor agregado, apesar de seu potencial para desenvolver tecnologias e insumos de maior valia.

Conciliando e equilibrando a abertura comercial e a falta de aproveitamento dos recursos disponíveis, é possível considerar que, nos anos seguintes, o país manteve resultados superavitários. Apesar de ser afetado pela crise financeira de 2008, seus resultados não foram negativos. Diferente do ano de 2014, quando registrou uma queda considerável e déficit comercial (Garcia, 2019).

Dado o fato, sua principal sustentação para a recuperação, de acordo com Garcia (2019), foram as commodities agropecuárias, consideradas produtos básicos, que igualmente coordenavam o comércio até então, e mantinham, com exceção de 2014, a balança comercial brasileira superavitária. Salienta-se que a exportação de commodities cresceu 165% entre 2010 e 2018.

Compreende-se, a partir das características do comércio exterior acima mencionadas, que o Brasil é um país em desenvolvimento quando se fala de suas relações comerciais no mercado internacional, que ainda exigem melhorias. Apesar disso, este sustentou resultados positivos e até mesmo competitivos. Todavia, o desenvolvimento até então percebido, é afetado por um acontecimento ímpar: a pandemia do Covid-19, explanada, de maneira inicial, no capítulo seguinte.

2. Reações iniciais do Brasil e do mundo frente à Covid-19

Sinais de um vírus transmissível e ameaça à população mundial apresentaram evidências iniciais em Wuhan, província de Hubei, na China, em dezembro de 2019. A partir de seu perigo eminente, medidas restritivas para impedir maior alastramento do vírus foram adotadas, visto que, percebido com maior intensidade, o Covid-19 passou a ser notado como um vírus contagioso, tanto quando se fala de saúde, como na abordagem econômica (Boone, 2020; Baldwin & Di Mauro, 2020).

Prontamente, do epicentro, a doença espalhou-se pela China, motivada essencialmente pela movimentação populacional, e não tardou a se alastrar para outros países e continentes, carregando, a partir de março de 2020, o título de pandemia. A resposta ao seu impacto – diante da inexistência de uma vacina que evitasse o contágio – foi traduzida pelo isolamento social, que promoveu consequências ao sistema econômico, iniciando pela diminuição no consumo e produção de bens e serviços a nível mundial (Junior e Rita, 2020).

Consequentemente, o setor comercial e de prestação de serviços foram os mais afetados, motivados principalmente pelo fator anteriormente mencionado: a queda no consumo, principal responsável pela decorrente diminuição da produção brasileira. Foi possível perceber a contração da oferta, principalmente, pela indústria de transformação (Dwerck et al., 2020).

Portanto, os impactos e a diminuição da capacidade interna provocaram efeitos sobre as exportações, pois os mercados externos que importam as mercadorias brasileiras, em parte, adotaram medidas de bloqueio inicial. A ação apresentou reação direta nos volumes exportados. Somado a isso, observaram-se, igualmente, as restrições adotadas ao transporte de mercadorias e ao funcionamento de pontos de expedição. Explicitamente, é necessário considerar que a dinâmica do comércio mundial afetou a demanda por produtos brasileiros (Dwerck et al., 2020; Coimbra et al., 2020).

3. Percepções do cenário comercial no momento pré-pandemia da Covid-19

Ao analisar e compreender o cenário pré-pandemia, é destacado que, em 2019, “o Brasil encaminha-se para a recuperação da recessão econômica que vinha tomando conta do cenário macroeconômico nos últimos anos. Os sinais de retomada e crescimento eram claros e as visões otimistas demonstravam vários resultados positivos” (ECON2).

“O cenário [contudo] não foi assertivo e seguiu um ritmo contrário à abertura da economia e ao multilateralismo” (ECON3). De acordo com o ECON1, já era possível observar “uma contração do superávit brasileiro”. Prontamente, o fato é antagônico à globalização e à promoção de acordos comerciais, que, de modo integrativo promovem o crescimento e a interatividade entre nações que visam estabelecer relações de proximidade (Celano & Guedes, 2014; Mafla & Jaramillo, 2017).

De mesmo modo, este processo de desaceleração possui relação direta com a Guerra Comercial travada entre China e Estados Unidos a partir de 2018. Segundo o ECON2, “a desaceleração no cenário interno e doméstico está ligada às consequências e reflexo da Guerra Comercial”. O mesmo é afirmado por García (2020), que ressalta, no ano de 2019, a Guerra Comercial como responsável pela geração de atritos na economia mundial, bem como, na estagnação do comércio internacional, diminuição de índices e procura nos mercados globais.

Em contrapartida, neste mesmo cenário, as circunstâncias guiavam à maior dependência das cadeias globais de produção, visto que, “cada componente de um único produto era fabricado em países diferentes” (ECON2). “Tendência que, mesmo com o fechamento da economia pré-pandemia estava acontecendo” (ECON3).

Scholvin et al. (2020) salientam que estas cadeias ou redes de produção global, fragmentadas para o processo conjunto de fabricação de um produto, são promotoras de uma estrutura que estimula o crescimento da economia mundial que, no entanto, nem sempre se desenvolve de modo equilibrado e igualmente benéfico a todos os envolvidos.

Como ocorre no Brasil, que seguia se destacando primordialmente na exportação de produtos básicos. A prevalência exportadora destes produtos de baixo valor agregado deve-se principal-

mente à demanda internacional, que, de acordo com o ECON3, “gerou uma tendência de reprimarização das exportações dos países, que deixaram de exportar produtos manufaturados, e os trocaram pelos básicos, que são os produtos mais demandados por países em crescimento, como era o caso da China”.

O país asiático, de acordo com Assis e Silva (2020), é o maior responsável por promover a dinâmica do comércio exterior brasileiro, pois grande parte dos produtos comercializados destina-se a esse mercado, como é o caso da soja. Tal circunstância deve-se essencialmente, em concordância com o ECON4, “porque as compras chinesas são principalmente de commodities ou produtos primários”, vista a “urbanização e diminuição da produção interna do país, que fez necessária a compra destes itens no mercado externo” (ECON3).

Logo, é possível observar que o período pré-pandemia é marcado por numerosas incertezas, decorrentes, principalmente, da instabilidade econômica, influenciada pela Guerra Comercial. Contudo, apesar das cadeias de produção global, o Brasil seguiu com sua pauta exportadora baseada em produtos primários e de baixo valor agregado, demonstrando, até então, uma visão de pouco destaque no comércio exterior. Este cenário, afetado pela pandemia, passou por alterações.

4. A pandemia: Percepções de um cenário afetado

O efeito da pandemia é percebido inicialmente a partir de um choque adverso na oferta e demanda de produtos e serviços. Logo, “o primeiro é sentido visto que a produção parou ou diminuiu, por conta do isolamento, e, o segundo, devido à diminuição no nível de compras realizadas” (ECON3). O mesmo é notado por Brinca et al. (2020), que descrevem as medidas de bloqueio e a diminuição no consumo como fatores responsáveis pelo choque na oferta e demanda.

Consequentemente, de acordo com o ECON 4, este fator “manifesta-se a partir da redução do nível de atividade de cada economia e por meio da redução do nível de comércio entre as nações. É um efeito adverso generalizado, pois há uma pandemia econômica que afeta todos os países de um modo maior ou menor, e esta intensidade vai depender do nível de produção de cada país e do seu PIB”.

Excepcionalmente, como mencionado, a redução do nível de comércio leva ao protecionismo, uma “onda de nacionalismo e busca de autossuficiência” (ECON1), promotora de “políticas para a proteção da indústria e comércio local, que são impostas através de leis e de outras medidas que restringem ou dificultam a importação de determinados produtos, ou até por meio de impostos sobre produtos importados” (ECON2).

O protecionismo se opõe aos objetivos dos acordos comerciais e é apresentado a partir da diminuição da cooperação intergovernamental entre os países, impedindo o crescimento e o fortalecimento por meio da promoção de barreiras para impossibilitar a formação de áreas de livre comércio (Grossman, 2016; Ramos, 2017).

Muito embora, é fundamental destacar que apesar do choque de oferta e demanda e, principalmente, do protecionismo a nível mundial, “a taxa de câmbio está em um patamar que pode favorecer o crescimento das exportações brasileiras” (ECON1). Devido à depreciação do real, “a exportação fica mais fácil, o Brasil consegue ganhar mercado por estabelecer um preço inferior no exterior, medido em termos de moeda estrangeira. A depreciação da moeda permitiu esse maior ganho sobre produtos que não têm uma cadeia produtiva” (ECON3).

Neste contexto, é possível compreender que, de acordo com a previsão de Marshall-Lerner, com a depreciação da taxa de câmbio, é possível impulsionar mesmo que de maneira gradativa, as exportações de um país. Isto ocorre progressivamente, pois é necessário recuperar-se do choque sofrido inicialmente (Arruda e Martins, 2020), como ocorreu no caso da pandemia.

Contudo, embora a desvalorização cambial estimule o processo de exportar, o choque inicial sofrido tanto na oferta como na demanda e o protecionismo de diversos países promoveram a diminuição do nível exportador, de acordo com o ECON2, “nem mesmo a forte queda do real conseguiu estimular as vendas da indústria brasileira no mercado externo”, como visível em comparativo realizado com o ano de 2019, conforme a Tabela 01.

Tabela 01: Valor Comparativo das Exportações Brasileiras

Mês	2020	2019	Varição em %
Janeiro	14.502.919.778	18.001.907.016	-19,4
Fevereiro	15.586.090.982	15.737.375.000	-1,0
Março	18.360.980.818	17.428.698.480	5,3
Abril	17.607.250.030	19.281.734.438	-8,7
Mai	17.532.556.166	20.592.409.187	-14,9
Junho	17.506.146.398	18.406.010.533	-4,9
Julho	19.483.282.281	20.150.883.169	-3,3
Agosto	17.741.417.860	19.669.883.169	-9,8
Total	138.320.644.313	149.268.543.071	-7,0

Fonte: Dados adaptados do Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Brasil, 2020).

A partir da Tabela 01, nota-se que, em comparativo realizado nos mesmos períodos do ano de 2019, as exportações tiveram resultados inferiores no ano seguinte, com a pandemia. A maior queda, ocorrida em janeiro de 2020, representou uma diminuição de 19,4%.

Por outro lado, o único resultado positivo ocorreu no mês de março, com aumento de 5,3% nas exportações. Vale salientar que “em grande medida, vamos cair menos que a maioria dos países por conta do agronegócio, da produção de bens essenciais e, da exportação brasileira que é de produtos deste segmento” (ECON4). Portanto, apesar da diminuição registrada, os resultados poderiam ser superiormente prejudiciais.

De acordo com Silva et al. (2020), este segmento de produtos é consideravelmente relevante à pauta exportadora brasileira, pois estes são responsáveis por uma contribuição significativa sobre os resultados exportadores e o superávit da balança comercial brasileira, coincidindo com as estatísticas apresentadas na Tabela 02, uma vez que os produtos mais exportados nos períodos de janeiro a agosto de 2019 e 2020 são caracterizados como básicos.

Tabela 02: Valor Comparativo dos Produtos Brasileiros Exportados

Produtos	2020	2019	Variação em %
Soja	25.663.728.576	19.618.659.836	30,81
Minério de Ferro	14.192.701.233	15.165.039.347	-6,41
Óleos Brutos de Petróleo	13.774.854.775	15.472.544.386	-10,97
Açúcares e Melão	5.054.978.145	3.185.493.037	50,69
Carne Bovina	4.805.326.448	3.703.920.961	29,74
Total	63.491.589.177	57.145.657.567	20,37

Fonte: Dados adaptados do Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Brasil, 2020).

Como reflexo dos dados apresentados, o ECON2 afirma que o Brasil “possui um comércio exterior fortemente baseado no agronegócio e também na indústria extrativa, através do petróleo e do minério de ferro”. Como é perceptível na visualização da Tabela 02, o produto brasileiro mais exportado é a soja, com aumento relativo a mais de 30% no ano de 2020. Conforme o ECON2, “a exportação da soja teve variação positiva em relação a 2019”, causada principalmente “pela maior demanda chinesa, visto que a soja foi uma das poucas commodities que não teve fortes oscilações no seu preço internacional durante a pandemia. Ao contrário do minério de ferro e do petróleo, que tiveram oscilações negativas”, e, decresceram em 6% e 10% neste ano de 2020.

Logo, a estipulação e formação do preço das commodities depende de uma série de fatores, como taxas de juros, taxas de câmbio e preços baseados em mercados domésticos. Estas oscilações ocorrem considerando a variação destes fatores (Pereira, 2019).

A exportação destes produtos deve-se principalmente à China, grande destaque no quadro de exportações brasileiras. Comprovadamente, na Tabela 03, pode-se observar os maiores importadores dos produtos brasileiros, com destaque para o país asiático.

Tabela 03: Valor Comparativo dos Países de Destino das Exportações Brasileiras

País	2020	2019	Variação em %
China	47.343.240.912	41.512.818.863	14,04
Estados Unidos	13.426.936.424	19.846.320.814	-32,35
Países Baixos (Holanda)	5.325.265.083	5.754.054.023	-7,45
Argentina	5.119.818.204	2.826.330.642	-25,43
Espanha	2.899.224.768	2.826.330.642	2,58
Total	74.114.485.391	76.805.569.947	-9,72

Fonte: Dados adaptados do Ministério Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços (Brasil, 2020).

Como notado na Tabela 03, as exportações para a China tiveram aumento superior a 14% em relação ao ano de 2019. Destaca-se, referente a este ponto, a analogia apresentada pelo ECON1, “o Brasil é uma fazenda e a China é uma fábrica, o país é importante ao Brasil porque temos uma estrutura econômica complementar a ele”.

Logo, o aumento das exportações à China é delineado pela seguinte afirmativa do ECON4, “o que a pandemia trouxe em relação ao comércio com a China foram oportunidades de crescimento das estruturas de consumo essencial”. Segundo Alles (2020), desde 2010, o país é considerado o principal parceiro comercial do Brasil, logo, este possui alta predominância e representatividade no quadro das exportações brasileiras.

Por outro lado, é possível notar uma queda acentuada nas exportações aos Estados Unidos. A variação considera porcentagem superior a 30%. O fato é abordado pelo ECON4: “como está em ano de eleição, o governo americano, que deveria ser muito mais liberal, tem sido em alguma medida protecionista. Neste sentido, eles têm apoiado a própria produção local dos EUA”. Isto é prejudicial ao Brasil, “especialmente no setor metalúrgico e siderúrgico, em que o país tem perdido algumas condições boas de acesso que tinha ao mercado americano” (ECON4).

Mesma incidência é percebida em relação à Argentina, considerando a diminuição de aproximadamente 25% no nível de exportações brasileiras, o que é explicado pelo ECON1. Este salienta que “as relações com a Argentina estão diminuindo em função da recessão que assolou o país já antes da pandemia”.

Considerando tais afirmativas, é importante frisar que o choque sofrido pela oferta e demanda, o protecionismo e a desvalorização cambial são fatores que afetam a economia global, que, conseqüentemente, influenciam o potencial exportador do Brasil e seus resultados inferiores no ano de 2020. Para isso, é necessário considerar perspectivas e visões para um cenário possível no pós-pandemia, que será descrito no próximo bloco.

5. Pós-pandemia: Projeções, expectativas e tendências

Inferese que o período pós-pandemia de Covid-19 é destacado principalmente por visões de um cenário para o comércio exterior em gradativo processo de recuperação, como destacado pelo ECON2, “as previsões são de uma recuperação econômica somente a partir de 2021, e sinais de uma recuperação e retomada mais forte somente na segunda parte de 2021”. “Pode-se esperar um crescimento entre 3,5 a 5% para o PIB do Brasil em 2021” (ECON4).

O mesmo é ressaltado pelo ECON1: “algumas perdas econômicas podem ser recuperadas de maneira rápida. O primeiro fator determinante da atividade econômica, é, com certeza, o controle da pandemia, que vai ocorrer através de desenvolvimento de vacinas em larga escala e também de tratamentos para a Covid-19”. Segundo o ECON2, “será somente após o controle do contágio que será observada a recuperação dos efeitos devastadores da crise econômica”.

É fundamental salientar, contudo, que, apesar das projeções do mercado, conforme mencionado pelo ECON3, “estamos em uma situação em que não se sabe quanto tempo vai durar, como vai ser, se terão outras ondas”. De forma semelhante, Goodman (2020) salienta que não é possível determinar a assertividade dos impactos da pandemia e quais serão os problemas gerados pelo cenário incerto que assola o comércio global.

Muito embora, existem ações e reações essenciais no processo, concretizadas pelas políticas governamentais, apontadas pelo ECON2 “como respostas rápidas aos gastos do Governo com transferências de recursos aos mais afetados pela crise, e investimentos em infraestrutura, educação, saúde e também redução de impostos para empresas, para estimular o setor produtivo e evitar que o mercado de trabalho entre em colapso”.

Ressaltando o papel do Governo neste processo, o ECON2 realça que, “no Brasil, a pandemia poderia ter sido minimizada por meio de respostas mais imediatas, considerando o uso de estí-

mulos monetários, através do Banco Central e redução de taxas, por meio de repasses às empresas e indivíduos”. De acordo com o ECON2, “ainda para crescer internamente e se recuperar após a pandemia, o Brasil deve prezar por suas reformas estruturais, para atrair novos investidores e fortalecer-se no mercado externo”.

Conforme Dwerck et al. (2020), o incentivo governamental às exportações e o suporte ao Comércio Exterior Brasileiro são fundamentais ao desenvolvimento do país no cenário, traduzido essencialmente em resultados positivos e de maior competitividade para o alcance de um novo patamar exportador.

Por outro lado, quanto às exportações, o ECON4 expressa que “segue-se comercializando produtos ligados à linha de bens de consumo duráveis; uma grande oportunidade de a indústria brasileira se inserir de modo mais competitivo em algumas cadeias globais pode ocorrer através do investimento em tecnologia e apoio do Governo na promoção de novos produtos”.

Complementarmente, de acordo com o ECON2, “é necessária maior diversificação das cadeias de produção e verticalização do processo produtivo, de modo que seja agregado maior valor aos produtos exportados”. Ainda segundo o ECON2, “aumentar a participação de diversos setores da economia, principalmente da indústria de transformação, poderá permitir que a economia brasileira não dependa somente do agronegócio para a geração de saldos positivos na balança comercial”. Fragmento semelhante é apontado por Oliveira et al. (2020) ao mencionar que a diversificação exportadora é essencial ao crescimento econômico brasileiro, medido a longo prazo.

Conclusivamente, considera-se a importância de prezar inicialmente pelas reformas internas, a fim de aprimorar o desenvolvimento do país e permitir que este adquira uma imagem mais positiva internacionalmente, para, em seguida, investir na produção e impulsionar o seu crescimento e inserção no período pós-pandemia. Deste modo, apresentam-se os resultados do estudo por meio da Figura 01, que demonstra os principais tópicos abordados na formação dos resultados da pesquisa.

Figura 01: Síntese dos Resultados



Fonte: Elaborado pelas autoras (2020).

De acordo com a Figura 01, distinguem-se os três períodos abordados durante o desenvolvimento da pesquisa, considerando os três fatos de maior relevância em cada um deles, pautados essencialmente por um processo de desaceleração, protecionismo e visões baseadas em projeções, tendência e inserção do Brasil, de forma diferenciada, no cenário mundial.

Considerações finais

O estudo teve como objetivo analisar quais foram os impactos da crise causada pela pandemia do Covid-19 sobre as exportações brasileiras. Foram avaliados três cenários, sendo que o último deles constitui uma apresentação hipotética do cenário exportador brasileiro.

Consequentemente, por meio das fontes primária e secundária de coleta de dados, que correspondem às entrevistas com economistas e uso de dados estatísticos do Ministério da Economia, Indústria, Comércio Exterior e Serviços, foi possível alcançar os resultados esperados, considerando a complementação resultante da combinação de informações qualitativas e quantitativas.

Prontamente, no período pré-pandemia foi destacado o processo de desaceleração global, que afetou os brasileiros durante o ano de 2019. Igualmente se considerou o encaminhamento à prá-

tica protecionista a partir da antiglobalização, fenômeno contrário ao mencionado por Grossman (2016). O pesquisador exalta o processo de cooperação entre as nações, facilitando a comercialização, a criação de políticas favoráveis à internacionalização e o incentivo ao processo que transforma o cenário e enriquece a economia mundial.

Consideráveis mudanças são reflexos igualmente da Guerra Comercial entre China e Estados Unidos que, como grandes potências econômicas mundiais, interferem no desenvolvimento exportador de países com menor índice de desenvolvimento, como é o caso do Brasil. Neste cenário, observou-se que o Brasil é um potencial exportador de produtos básicos, destinados principalmente para a China, como é destacado no período pré-pandemia e fortalecido durante o seu desenvolvimento.

Em contrapartida, ao analisar o período afetado pela pandemia, destaca-se principalmente o choque na oferta e demanda, considerando a diminuição da produção e do consumo de produtos e serviços. É a partir desta perspectiva que o mercado internacional – já em processo de estagnação no período pré-pandemia – aderiu de maneira intensa às práticas e normas protecionistas.

Opostas ao desenvolvimento econômico internacional e, principalmente, ao estabelecimento de acordos comerciais, estas ações promovem a desaceleração das relações de cooperação internacional por meio da orientação e promoção de barreiras para a circulação de mercadorias (Ramos, 2017).

Neste mesmo período, é ressaltada a depreciação da moeda estrangeira, tida como um propulsor e incentivador das exportações que, no entanto, não apresentou reação positiva. Por outro lado, analisa-se o considerável crescimento das exportações de soja, carro-chefe das exportações brasileiras, e de outras commodities sem grande valor agregado, destinadas essencialmente para a China, que apresentou considerável crescimento de produtos brasileiros importados.

Conclusivamente, apresentou-se que as projeções positivas serão percebidas somente a partir do 2º semestre de 2021. E este processo exige fortalecimento de políticas internas e externas, a fim de inserir o Brasil em cadeias globais com maior competitividade, além de promover a diversificação produtiva do país.

Compreender estes cenários e realizar pontuações sobre o tema, de acordo com Oliveira et al. (2020), evidenciando possíveis projeções ao passar da pandemia pode contribuir para as estratégias do comércio exterior brasileiro.

Diante destas perspectivas, os estudos referentes à pandemia colaboram para o desenvolvimento dos empreendimentos e a busca por metodologias inovadoras, capazes de valorizar suas atividades e promovê-las neste cenário. É fundamental que se demonstre a importância dos produtos e

serviços comercializados e o seu potencial por meio da agregação de valor e da capacidade de sustentação da competitividade.

Por outro lado, ao passo teórico, o estudo pode contribuir com as pesquisas que estão sendo realizadas sobre o cenário e as consequências da pandemia, além de proporcionar respostas ao período posterior, considerando previsões, riscos e possíveis tendências.

Em virtude das conclusões apresentadas, como limitação menciona-se a dificuldade de encontrar respondentes, considerando o baixo número de entrevistas realizadas dentre os profissionais da área. Por outro lado, os resultados podem ser considerados limitadores, visto que se destacou somente o ponto de vista de quatro profissionais.

Além disso, como sugestão de futuro estudo, propõe-se que sejam analisados e demonstrados os dados do período pós-pandemia, com informações realistas comparadas às projeções realizadas ainda durante o seu decorrer, confirmando se estas podem ser igualadas aos fatos reais.

Referências

ALLES, Greici Cristina. (2020) **A inserção econômica internacional do Brasil**: análise do grau de abertura comercial da economia brasileira entre 2010 e 2018. Monografia de Graduação em Relações Internacionais, apresentada à Universidade Federal de Grandes Dourados, Mato Grosso do Sul (Orientador: Profa. Dra. Adriana Kirchof de Brum).

ARRUDA, Elano Ferreira; MARTINS, Gabriel. (2020) Taxa de câmbio e exportações líquidas: uma análise para os estados brasileiros. **Revista Nova Economia**, 30 (1): 111-114.

ASSIS, Raimundo Jucier Sousa; SILVA, Osmar Fernando Alves. (2020) A reprimarização no Brasil sob ascensão da geopolítica chinesa no comércio exterior (2008-2018). **Brazilian Journal of Development**, 6 (3).

BALDWIN, Richard; DI MAURO, Beatrice Weder. (2020) **Thinking ahead about the trade impact com COVID-19**. Washington: Centre for Economic Policy Research Press.

BOONE, L. (2020). Economics in the time of COVID-19. Washington: Centre for Economic Policy Research Press.

BOTELHO, Maurílio Lima. (2017) Entre as crises e o colapso: cinco notas sobre a falência estrutural do capitalismo. **Revista Maracanan**, (18): 157-180.

BRASIL. MINISTÉRIO DA ECONOMIA, INDÚSTRIA, COMÉRCIO EXTERIOR E SERVIÇOS. 2020. **Balança Comercial Consolida e Séries Históricas**. Publicado em [<https://www.gov.br/produktividade-e-comercio-exterior/pt-br/assuntos/comercio-exterior/estatisticas/balanca-comercial-brasileira-acumulado-do-ano>] Disponibilidade: 28/08/2021.

BRINCA, Pedro; DUARTE, João; CASTRO, Miguel Faria. (2020) Measuring Sectoral Supply and Demand Shocks during Covid-19. **Covid Economics**, 147–171.

CASARIN, H. C. S.; CASARIN, S. J. (2012) **Pesquisa científica**: da teoria à prática. Curitiba: InterSaberes.

- CELANO, Ana Christina; GUEDES, Ana Lucia. (2014) Impactos da globalização no processo de internacionalização dos programas de educação em gestão. **Cadernos EBAPE**, 12 (1): 45-61.
- COIMBRA, Danielle; MARTINS, Alisson; OLIVEIRA, Francisco Alberto. (2020). **Impactos do novo coronavírus nas economias brasileira e cearense**. Fortaleza: Núcleo de Pesquisa Econômica. Universidade de Fortaleza.
- DWERCK, Esther; et al (2020). Impactos macroeconômicos e setoriais da Covid-19 no Brasil. **Nota Técnica**. Rio de Janeiro: Instituto de Economia da UFRJ.
- FIGUEIREDO, Nébia Maria Almeida. (2008) **Método e metodologia na pesquisa científica**. 3.ed. São Caetano do Sul: Yendis Editora.
- FILHO, José Firmino Sousa; MENEZES, Vladson Bahia; SILVA, Libania Araújo. (2018) A dinâmica das exportações brasileiras nos períodos pré e pós-crise financeira mundial de 2008/2009: uma análise shift-share. **Revista de Desenvolvimento Econômico**, 2 (40): 28-51.
- GARCIA, Ana Laura. (2019) **As exportações brasileiras entre 1998 e 2018: uma análise sobre a reprimarização**. Monografia em Graduação em Ciências Econômicas, apresentada ao Instituto de Economia e Relações Internacionais da Universidade Federal de Uberlândia (Orientador: Prof. Dr. Clésio Lourenço Xavier).
- GARCÍA, Juan González. (2020) Causas, evolución y perspectivas de la guerra comercial para China. **Análises Económico**, 35 (89).
- GOODMAN, Peter. (2020) Why the global recession could last a long time. **The New York Times**. April 1.
- GROSSMAN, Gene. (2016) The purpose of trade agreements. **Handbook of Commercial Policy**, 1A: 379-434.
- HIDALGO, Álvaro Barrantes; FEISTEL, Paulo Ricardo. (2013) Mudanças na Estrutura do Comércio Exterior Brasileiro: Uma Análise sob a Ótica da Teoria de Heckscher-Ohlin. **Revista de Estudos Econômicos**, 43 (1): 79-108.
- HOMOLAK, Jan; KODVANI, Ivan; VIRAJ, Davor. (2020) Preliminary analysis of COVID-19 academic information patterns: a call for open science in the times of closed borders. **Scientometrics**, Jun 25: 1-15.
- JUNIOR, Reynaldo Rubem Ferreira; RITA, Luciana Peixoto Santa. (2020) Impactos da Covid-19 na Economia: limites, desafios e políticas. **Cadernos de prospecção**, 13 (2): 459-476.
- KEEDI, Samir. (2015). **ABC do Comércio Exterior: abrindo as primeiras páginas**. São Paulo: Aduaneiras.
- MADHAV, Nita; OPPENHEIM, Ben; GALLIVAN, Mark; MULEMBAKANI, Prime; RUBIN, Edward; WOLFE, Nathan. (2017). Pandemias: riscos, impactos e mitigação. In Ma MADHAV, Nita; OPPENHEIM, Ben; GALLIVAN, Mark; MULEMBAKANI, Prime; RUBIN, Edward; WOLFE, Nathan. **Prioridades de controle de doenças: melhoria da saúde e redução da pobreza**. Washington: Banco Internacional de Reconstrução e Desenvolvimento.
- MAFLA, Carlos Efrén Garrido; JARAMILLO, Amable Francisco Caicedo (2017) Integración y globalización: el caso del acuerdo comercial Ecuador-Unión Europea. **Revista Arjé**, 11 (21): 56-87.
- MELO, Carlos; Cabral, Sandro (2020) A grande crise e as crises brasileiras: o efeito catalisador da Covid-19. **Revista Eletrônica Gestão e Sociedade**, 14 (39): 3681- 3600.

MONTEIRO, Angelise Valladares; MEDINA, Enrique Alfonso Muñoz; LAUREANO, Frederico Ojeda. (2001) A globalização e a necessidade de desenvolver competências para a exportação. **Revista de Negócios**, 6 (2): 33-40.

OLIVEIRA, Heder Carlos; JEGU, Elodie; SANTOS, Venussia Eliane. (2020) Dynamics and determinants of export diversification in Brazil from 2003 to 2013. **Revista Economia e Sociedade**, 29 (1): 29-51.

OLIVEIRA, Ivan; et al. (2020) Comércio exterior, política comercial e investimentos estrangeiros: considerações preliminares sobre os impactos da crise do Covid-19. **Carta de Conjuntura**. Brasília: IPEA.

PEREIRA, Elenides Santana. (2019) **A dinâmica dos preços internacionais de commodities: uma abordagem do caso brasileiro**. Dissertação de Graduação em Economia, apresentada ao Instituto Superior de Economia e Gestão da Universidade de Lisboa (Orientador: Prof. Dr. Joaquim Alexandre dos Ramos Silva).

PORSSE, Alexandre; et al. (2020) Impactos Econômicos da COVID-19 no Brasil. Curitiba: Núcleo de Estudos em Desenvolvimento Urbano e Regional. Universidade Federal do Paraná.

ROSSONI, Luciano. (2020) Editorial: Covid-19, Organizações, Trabalho em Casa e Produção Científica. **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, 19 (2): 158-168.

SANTOS, Geovana Karolina; AMORIM, Maria do Carmo Letícia de Moraes. (2019) **Comércio internacional em tempos de crise: exportações de bens e serviços do Brasil e do Mundo (2000-2018)**. Dissertação de Graduação em Relações Internacionais, apresentada ao Centro Universitário Tabosa de Almeida (Orientador: Maria do Carmo Letícia de Moraes Amorim).

SANTOS, José Luís Guedes; et al. (2017) Integração entre dados quantitativos e qualitativos em uma pesquisa de métodos mistos. **Enferm**, 26 (3).

SILVA, Matheus Rodrigues da; et al. (2020) Exportações, inserção comercial e especialização produtiva: uma análise para os produtos primários brasileiros entre 2001 e 2016. **Revista Estudo e Debate**, 27 (3).

SILVA, Bruna Lafraia Ribeiro da; LUNELLI, Flavia; CLETO, Carlos Ilton. (2020) As exportações brasileiras e a dependência das commodities. **Cadernos PAIC**, 21 (1).

SCHNEEIDER, Mirian Beatriz; ARAÚJO, Rafaela. Henrique. (2016) Balança comercial agrícola paranaense: conjuntura pós-crise financeira de 2008. **Revista Orbis Latina**, 4 (1).

SCHOLVIN, Sören; et al. (2020) Densidade, distância, divisão e as redes de produção globais: o caso do setor brasileiro de petróleo e gás. **Revista Economia e Sociedade**, 29 (1): 85-119.

STAL, Eva. (2010) Internacionalização de empresas brasileiras e o papel da inovação na construção de vantagens competitivas. **Revista de Administração e Inovação**, 7 (3): 120-149.

RAMOS, Cristian Samir Ulloa. (2017) El comercio entre los países de la alianza del Pacífico: Un análisis desde el modelo gravitacional y el intercambio bilateral. **Revista Teorías, Enfoque y Aplicaciones en las Ciencias Sociales**, 9 (20): 11-23.

ROSA, Maria Virgínia de Figueiredo do Couto. (2014) **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para validação dos resultados**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica.

WELLER, Christian. (2020) What we know about the economic impact of the Coronavirus and how that should guide policy. **Revista Forbes**. Mar 19.